O INVESTIMENTO E O PAPEL DA CONSTRUÇÃO

O desempenho do setor é fundamental na rota do crescimento sustentável

Robson Gonçalves e Ana Maria Castelo

QUANDO se discute crescimento sustentado, algumas questões estão sempre presentes. Uma delas, talvez a mais importante, refere-se à taxa de investimento, isto é, à fatia do investimento produtivo no PIB.

Em países de crescimento acelerado como a China, essa taxa supera os 40%. Em economias mais estáveis, como o Chile e a Coreia, a taxa de investimento gira em torno de 23% a 27%. No Brasil, estimativas feitas pela **FGV** sugerem que a taxa de investimento deve se situar próxima a 20% em 2012. Ainda é pouco para um país que precisa conciliar crescimento econômico, inclusão social e estabilidade de preços.

A importância desse indicador decorre de seu duplo papel. Além de ser um dos componentes da demanda presente, o investimento abre espaço para a ampliação do potencial produtivo no futuro. No caso brasileiro, para além desses aspectos, um fato marcante tem sido a expansão da fatia da construção civil no investimento total. A discussão desse fenômeno ajuda a compreender muitos aspectos do padrão de crescimento do país em contraste com o que vem acontecendo em outras partes do mundo.

O duplo papel do investimento fica muito claro quando se avalia o desempenho recente da construção no Brasil. A resposta do setor às medidas anticíclicas adotadas depois do estouro da crise internacional foi muito positiva. Graças a isso, o nível de atividade setorial e a criação de empregos ajudaram a minorar os efeitos da crise no mercado brasileiro. Em 2011, segundo estimativa da **FGV**, a construção teve expansão de 4,8%, bem acima do crescimento do PIB, que foi de 2,7%.

No entanto, diversos outros segmentos tiveram reação mais tímida no ano passado. A produção de máquinas e equipamentos cresceu apenas 3,3% e, se excluirmos os veículos pesados, chamados de "bens de capital sobre rodas", houve queda de 2,2%. Por conta disso, a taxa de investimento tem se elevado muito lentamente. Mas, então, por que o a capacidade de resposta da construção é tão positiva, especialmente se comparada à de outros setores que compõem a formação de capital? Uma primeira resposta está na perspectiva macroeconômica.

Em 2011, por conta de uma evolução muito particular do ambiente macroeconômico, o investimento foi fortemente desestimulado, sobretudo nos segmentos mais afetados pela competição com produtos importados.

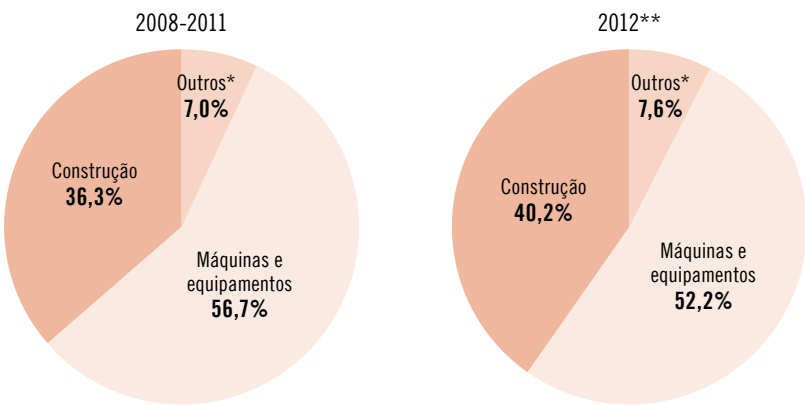
A construção também sofreu com pressões de custo ao longo de 2011 e não escapou dos efeitos do último ciclo de alta de juros. Mas o setor é naturalmente menos sujeito à pressão externa e, por isso, conseguiu superar o viés antiinvestimento surgido em nível macro.

Capital e emprego

A contribuição da construção para a sustentação do crescimento fica evidente quando o caso brasileiro é colocado em perspectiva internacional. Em 2002, antes do boom imobiliário na região, a construção civil respondia 5% do PIB da União Europeia, número que chegava a 8,6% na Espanha. Já nos EUA, a parcela da construção no PIB era de 4,7%. No mesmo ano, a construção respondia por 4,5% do PIB brasileiro. Em 2011, por con-

BRASIL - Composição da formação bruta de capital

2008-2012



Fonte: IBGE e FGV
* Reflorestamento e formação de rebanhos
** Projeção FGV

ta dos efeitos da crise, a fatia da construção no PIB Europeu caiu para 4%, número bem próximo ao registrado nos EUA. No Brasil, essa fatia em 2011 era de 4,9%. Isso significa que, no ano passado, o setor deixou de gerar 113 bilhões de euros de valor e renda nos 27 países da União Europeia e outros 120 bilhões de dólares nos EUA. Já no Brasil, o avanço da construção no mesmo período garantiu a geração de mais R$ 16,5 bilhões.

Adicionalmente, a maior contribuição da construção para o PIB brasileiro vem ocorrendo em um contexto de expansão da taxa de investimento. Segundo dados do IBGE, a formação bruta de capital fixo respondia por 19,1% em 2008 e, de acordo com projeções da **FGV**, deverá superar os 20,5% em 2012. Na Europa, o movimento foi contrário. No mesmo período, a taxa de investimento nos 27 países da União Europeia passou de 21,7% para 19,5% e a participação da construção no investimento total estagnou em torno de 20,7%, o que significa que todos os componentes do investimento tiveram queda semelhante. Em países como EUA e Japão, a construção recuou de forma ainda mais intensa, perdendo espaço na composição do investimento. Um caso intermediário é o do Peru. Nesse país, a taxa de investimento vem crescendo desde 2002, juntamente com a participação da construção no PIB. Mas a fatia da construção na formação de capital tem recuado e passou de 27,1% em 2002 para 22,8% em 2011.

A evolução do emprego na construção revela outro contraste impressionante entre o Brasil, de um lado, e os EUA e a Europa, de outro. Entre 2007 e 2011, quase 2 milhões de empregos desapareceram na construção civil europeia, número semelhante ao registrado nos EUA. No Brasil, no mesmo período, a construção empregou mais 1,3 milhão de pessoas. Esse é um aspecto de grande interesse para compreender tanto o sucesso da estratégia macroeconômica brasileira frente à crise internacional quanto às dificuldades que persistem no hemisfério norte.

A clássica defesa do nível de emprego

Participação da construção no PIB em países selecionados

2002-2011

	2002	2007	2008	2009	2010	2011
Brasil	**4,5%**	**4,2%**	**4,2%**	**4,5%**	**4,8%**	**4,9%**
Alemanha	4,2%	3,2%	3,1%	3,1%	3,0%	3,0%
Argentina	3,6%	6,3%	6,2%	5,9%	5,7%	5,5%
Austrália	6,2%	7,3%	7,6%	7,4%	7,6%	7,9%
Chile	n.d.	6,4%	8,0%	7,5%	7,9%	7,7%
China	n.d.	5,7%	6,6%	6,6%	6,7%	6,4%
EUA	4,7%	4,1%	4,3%	3,9%	3,5%	3,9%
Espanha	8,6%	10,6%	10,4%	10,0%	9,2%	8,3%
União Europeia - 27	5,1%	4,6%	4,5%	4,4%	4,1%	4,0%
França	4,3%	3,8%	3,7%	3,6%	3,3%	3,2%
Itália	4,6%	4,2%	4,1%	3,8%	3,6%	3,5%
Irlanda	6,6%	6,0%	5,9%	5,0%	3,6%	3,0%
Japão	6,5%	5,7%	5,6%	5,7%	5,5%	5,6%
Nova Zelândia	n.d.	5,6%	6,0%	5,7%	5,0%	5,1%
Peru	4,8%	5,6%	5,9%	6,2%	6,7%	6,5%
Portugal	6,5%	4,8%	4,5%	4,2%	3,9%	3,6%
Reino Unido	5,7%	5,2%	5,7%	5,8%	5,8%	5,8%
Turquia	4,2%	4,9%	4,7%	3,8%	4,1%	4,5%
Média	**5,1%**	**4,9%**	**5,1%**	**4,9%**	**4,7%**	**4,8%**

Fontes: IBGE, BEA – USA Bureau of Economic Analisys, EuroStat, INE – Instituto Nacional de Estadísticas de Chile, INEI – Instituto Nacional de Estadísticas e Informática de Peru, ABS – Aus-tralian Bureau of Statistics, Economic and Social Research Institute of Japan, Statsphere New Ze-aland, INE – Instituto Nacional de Estadísticas de España, NBS – China National Bureau of Sta-tistics e Turkish Statistical Institute.

Shutterstock



A construção também sofreu com pressões de custo ao longo de 2011 e não escapou dos efeitos do último ciclo de alta de juros

ante à ameaça de recessão e a ampliação dos horizontes de crescimento sustentável sintetizam a contribuição que a construção civil tem dado ao desenvolvimento brasileiro na atualidade. As elevadas taxas de crescimento do setor permitiram que nos três últimos anos a construção civil brasileira elevasse sua participação no PIB nacional. No entanto, em uma perspectiva internacional, a fatia no PIB total oscilou em um intervalo estreito desde 2002, superando ligeiramente a média mundial apenas em 2010 e 2011. A contribuição que o setor vem dando para o crescimento econômico dos últimos anos é inquestionável. No entanto, ainda há muito trabalho pela frente. Para que o país possa crescer a um ritmo de 5% ao ano sem pressões inflacionárias, a taxa de investimento deveria ser da ordem de 22%, o que significa que o país ainda precisará contar com o avanço da construção no futuro.